



Evaluative Intonation in a Portuguese textbook from the Reading questions

A entonação valorativa em livro didático de Português a partir de perguntas de leitura

BEZERRA, Jane Cleide dos⁽¹⁾; GAMA, Maria Geovana de Oliveira⁽²⁾; SANTOS, Eliane dos⁽³⁾; SANTOS, Lyvia Mychelle Simplicio⁽⁴⁾; SANTOS, Isabela Rosa dos⁽⁵⁾; BOMFIM, José Cleisson⁽⁶⁾

⁽¹⁾ 0000-0003-3900-7472; Professora Adjunta da Universidade Estadual de Alagoas. Arapiraca, Alagoas (AL), Brazil. E-mail: jane.bezerra@uneal.edu.br.

⁽²⁾ 0000-0003-3846-6917; Graduanda da Universidade Estadual de Alagoas. Arapiraca, Alagoas (AL), Brazil. E-mail: geovanaoliveiraa27@gmail.com.

⁽³⁾ 0000-0002-8686-8841; Graduanda da Universidade Estadual de Alagoas. Arapiraca, Alagoas (AL), Brazil. E-mail: eliane.santos3@alunos.edu.br.

⁽⁴⁾ 0000-0003-1477-3998; Graduanda da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL); Arapiraca, Alagoas (AL), Brazil. E-mail: mysimplicio@gmail.com.

⁽⁵⁾ 0000-0002-6809-140X; Graduanda da Universidade Estadual de Alagoas. Arapiraca, Alagoas (AL), Brazil. E-mail: isabelarosa.a15@gmail.com.

⁽⁶⁾ 0000-0002-0633-4250; Graduando da Universidade Estadual de Alagoas. Arapiraca, Alagoas (AL), Brazil. E-mail: josebomfim@alunos.edu.br.

O conteúdo expresso neste artigo é de inteira responsabilidade dos/as seus/as autores/as.

ABSTRACT

In this study we analyze the evaluative intonation as an element that contributes to the construction of senses for the answers to the reading questions, to assist in the process of learning the written language. Attached in the premise that all comprehension is oriented by an answer, we seek to reflect on the axiological elements of language, through dialogical reading, in activities of the Portuguese textbook. The research is underpinned in Bakhtin (2003[1979], 2014[1975]); Volóchinov (2019[1926;1930]); Medviédev (2016[1928]) and in interlocutors such as Sobral (2009), Menegassi and Cavalcanti (2013); Bezerra, Paixão and Menegassi (2019), among others. It is considered in the analysis that the utterance is materialized in the understanding, thereby the participant of the interactional act produces a response (FIORIN, 2018). We aim to present that the evaluative intonation when considered in the classroom, contributes to the realization of the reading act. We name as results, the evaluative intonation is manifested in the reading questions and it can be used as an element that favors the construction of senses and support the development of the reader's autonomy.

RESUMO

Neste estudo analisamos a entonação valorativa como elemento que contribui com a construção de sentidos para as respostas às perguntas de leituras, a coadjuvar com o processo de aprendizagem da língua escrita. Ancorados na premissa de que toda compreensão é direcionada por uma resposta, buscamos refletir sobre os elementos axiológicos da linguagem, a partir da leitura dialógica, em atividades do livro didático de Português. A base teórica é sustentada em Bakhtin (2003[1979], 2014[1975]); Volóchinov (2019[1926;1930]); Medviédev (2016[1928]) e em interlocutores, como Sobral (2009), Menegassi e Cavalcanti (2013); Bezerra, Paixão e Menegassi (2019), entre outros. Consideramos na análise que o enunciado é materializado na compreensão, desse modo, o participante do ato interacional, produz uma resposta (FIORIN, 2018). Objetivamos com isso, mostrar que a entonação valorativa ao ser considerada em sala de aula, contribui para a efetivação do ato de ler. Apontamos como resultados, que a entonação valorativa se manifesta nas perguntas de leitura e que pode ser aproveitada como elemento que favorece a construção de sentidos e auxilia no desenvolvimento da autonomia do leitor.

INFORMAÇÕES DO ARTIGO

Histórico do Artigo:

Submetido: 11/11/2020

Aprovado: 21/01/2021

Publicação: 10/10/2022



Keywords:

Axiological elements,
Dialogical reading,
Elementary School

Palavras-Chave:

Elementos axiológicos,
leitura dialógica, ensino
fundamental.

Introdução

De acordo com Bakhtin (2003[1979]), os gêneros emergem da necessidade humana, isto é, em toda esfera há o uso da linguagem que requer a produção de enunciados sejam orais ou escritos e o que determina isso é o local de produção e de uso. Nesse sentido, importa saber “para quê” e para quem” o enunciado é proferido, até porque, todo gênero possui um produtor e um destinatário. Desse modo, o nosso enfoque está no enunciado que se constitui como gênero discursivo, uma vez que se presta à organização de atividades de ensino, o que permite a compreensão da valoração compartilhada socialmente. Nessa esteira reflexiva, assumimos o posicionamento de que a palavra só ganha sentido na vivência concreta, quando tem seu valor entonado.

Para tanto, discutimos a perspectiva dialógica da leitura em perguntas de leituras feitas no Livro Didático de Português (LDP) com intuito de entendimento do gênero, visto que, objetivamos compreender o texto mediante a proposta de leitura organizada pelo livro didático, a considerar o extraverbal, a entonação, o tema e sua exauribilidade. Assumimos também que essa postura pode auxiliar o professor durante a mediação de compreensão e interpretação textual, já que as perguntas de leitura consistem é uma forma de avaliação, logo, devem contribuir para o desenvolvimento cognitivo do aluno, dando suporte a construção de sentido no texto. Na prática, considera-se as perguntas como uma das ferramentas de ensino, que “torna-se viável estudá-las, pois possibilitam a fluência crítica na leitura dos alunos-leitores, denominação que significa o leitor no papel social de aluno em situação de aprendizagem” (Fuza & Menegassi, 2020, p. 65).

Vale salientar que a pesquisa é fruto do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), realizada pela Universidade Estadual de Alagoas (Uneal) em parceria com a Fundação do Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas (Fapeal), da edição 2019 e está ancorada nos estudos dialógicos da linguagem, mais precisamente, em Bakhtin (2003[1979]) 2014[1975]), Volóchinov (2019[1926, 1930]), Medviédev (2016[1928]), Sobral (2009), Menegassi (2010), Fuza e Menegassi (2020), Menegassi e Cavalcanti (2020), entre outros interlocutores que respaldam essa perspectiva analítica. Nesse sentido, é pertinente dizer que as pesquisas na área de Linguística Aplicada buscam contribuir para a compreensão de processos que envolvem o ensino da língua escrita, produzindo e viabilizando por meio de uma vasta literatura, elementos norteadores para a consolidação dos saberes docentes, a fim de que o fazer pedagógico seja operacionalizado de maneira cada vez mais produtiva. As pesquisas que versam sobre a avaliação da leitura também mostram que os índices de proficiência leitora, especialmente, na Educação Básica, apresentam-se ainda como insatisfatórios, fato que impulsiona a reflexão, a mensuração e a interpretação do saber e do fazer referente ao ensino da leitura.

No contexto de ensino, o livro didático se institui como um recurso produtivo e de grande valia ao ensino e à aprendizagem, especificamente, por se permitir ser manuseado tanto pelo docente quanto pelo discente. Os gêneros discursivos, nele dispostos, são tidos como a mais genuína manifestação da linguagem, logo, servem às atividades organizadas para ensinar todos os eixos: Oralidade, Leitura, Produção de Texto e Conhecimentos Linguísticos. A partir do seu uso, o estudante é levado à compreensão da cultura da escrita.

O Livro Didático (LD) é aqui, caracterizado como um dos mais importantes documentos escritos, visto que nele, os valores sociais são materializados, precisamente, porque refletem e refratam o mundo. Nesse sentido, os gêneros presentes no LD exigem a efetivação de um trabalho ancorado nos elementos axiológicos da linguagem, uma vez que o enunciado decorrente das relações linguísticas e extralinguísticas é dialógico por natureza (Brait, 2016). Em vista disso, o ensino da leitura requer uma reação-resposta ativa daquele a quem é destinado o discurso, isto é, exige do leitor, a interpretação do mundo no qual habita.

Essa perspectiva visa contribuir com a (re)constituição de indivíduos conscientes de sua realidade e habilitados para o exercício de sua cidadania. Destarte, toda organização curricular e, conseqüentemente, pedagógica deve ser pautada nas axiologias sociais que vinculam o texto ao mundo real, ou seja, elas precisam estar contempladas nas atividades de leitura dispostas também no livro didático. Assim, o presente estudo aborda o dialogismo como fundamentação teórico-metodológica, a ser considerado nas atividades de leitura propostas no LD a partir das perguntas de leitura. Do ponto de vista prático, apresentamos uma análise que serve como modelo pela abordagem dialógica da linguagem, com ênfase ao caráter axiológico, especialmente, na entonação valorativa.

Da perspectiva axiológica da linguagem

Este estudo está respaldado no Círculo de Bakhtin, na concepção dialógica da linguagem em que entendemos que o “eu” e o “outro” estão apinhados de valores, o que não significa, necessariamente, que suas intenções discursivas se apresentem sempre convergentes. Isso porque, é no momento da interação que as ações concretas são efetivadas, uma vez que participamos ativamente do diálogo social, em um processo de compreensão responsiva ativa. Para isso, abordamos aqui, alguns conceitos que embasam a nossa pesquisa, tais como, enunciado concreto, extraverbal, entonação, tema e exauribilidade temática.

Precipuamente, é necessário compreender que somos, ao longo da vida, imersos em diferentes esferas comunicativas, por exemplo, a religiosa, a política e que nessas esferas há enunciados estáveis que surgem para manter a interação, dado que “só se age na interação, só se diz no agir e a ação motiva certos tipos de enunciados, o que quer dizer que cada esfera de utilização da língua elabora tipos relativamente estáveis de enunciados” (Fiorin, 2018, p. 68). Os enunciados produzidos nessas esferas se constituem na condição de gêneros discursivos, já

que nascem de acordo com cada necessidade comunicativa. O enunciado é caracterizado no Círculo a partir de três elementos: o conteúdo temático, a construção composicional e o estilo.

Ora, se por meio da interação nascem os enunciados, entendemos que “o lugar de exercício da língua é um ambiente social e histórico” (Sobral, 2009, p. 89). O enunciado concreto, inevitavelmente, está inserido em uma situação de interação com sujeitos sócio e historicamente situados. Para o Círculo, é dessa forma que os sentidos são produzidos em um processo contínuo (Bakhtin, 2003 [1979]). Em outros dizeres, o sentido não é inacabado, ele se realiza em uma determinada circunstância histórica e social, assim, o enunciado é considerado como um elo que retoma outros enunciados já existentes, “os enunciados do outro no processo geral do discurso, refletem antes de tudo os elos precedentes da cadeia comunicativa” (Bakhtin, 2003[1979], p. 161). É sob essa ótica que o Círculo argumenta que somente o Adão mítico pode ser considerado como o único ser humano que usou a palavra pela primeira vez, já os demais seres pegam a palavra de outros sujeitos e de outros contextos, o que implica afirmar que ela já vem valorada.

Um outro ponto significativo a ser abordado quando se fala de enunciado, é o de que ele possui uma orientação social, isto é, todo discurso é destinado a um interlocutor que, por seu turno, pertence a uma determinada classe social e dentro dela, exerce uma atividade ou mesmo uma profissão, logo, se insere em uma determinada situação social, econômica e financeira que o representa e da qual ele é representante. Essa situação precisa ser levada em conta na enunciação, já que todo enunciado é dirigido a uma pessoa que, por pertencer uma classe específica, comunga da “ideologia de classe que o penetra de dentro através da entonação, da escolha e da disposição das palavras em qualquer que seja a construção verbal (Volóchinov, 2019[1926]).

Nesse contexto, entendemos que o falante leva em conta as suas relações com o mundo, com as pessoas, com a situação em que está inserido e com o auditório social, portanto, o enunciado é compreendido dentro dessas considerações. O indivíduo é, com efeito, constituído pelo coletivo social. Dessa maneira, “todo signo ideológico, por ser um produto da história humana, não só reflete, mas também inevitavelmente refrata todos os fenômenos da vida social” (Volóchinov, 2019[1926], p. 314), o que significa dizer que todo enunciado não apenas situa uma determinada classe, mas tantas outras que o constituíram.

Para abordarmos a situação do interlocutor ao avaliar o tema, é crucial ponderar sobre a exauribilidade, que responde ao projeto de dizer ou à vontade discursiva do falante, assim, compreendemos que as formas típicas da composição e do acabamento do gênero tratam sobre a possibilidade da compreensão responsiva. A esse respeito, consideramos a reflexão sobre a exauribilidade feita por Menegassi (2010b), cujas “noções de sentido e de objeto (semântico-objetal) correspondem à noção de temática”. Na verdade, a exauribilidade temática é um “elemento primário e essencial à produção de gênero discursivo, orientando o produtor, no seu

processo de construção, e o interlocutor-respondente, no seu processo de compreensão responsiva, para que se estabeleça a interação verbal social” (Menegassi, 2010b, p. 82).

Além desses apontamentos, levamos ainda em consideração que a compreensão responsiva ativa do interlocutor é dada por dois fatores que constroem o enunciado, o extraverbal e a entonação. Em relação ao primeiro, importa dizer que ele é constituído por três elementos: o horizonte espacial ideacional, que é o espaço em que se encontra os sujeitos; o conhecimento e a compreensão comum da situação comunicativa por parte dos interlocutores, que está relacionado ao fato de os partícipes saberem o contexto histórico-cultural e o conhecimento que permeia a situação e, por fim, a avaliação comum da situação, que diz respeito aos valores impregnados na interação. Visto isso, podemos dizer que,

o extraverbal é caracterizado pelo que não foi dito explicitamente, portanto, não marcado em linguagem verbo-visual, em que o contexto pode ser compreendido pelos envolvidos na interação por meio de circunstâncias não linguísticas conhecidas pelos interlocutores e que complementam o sentido que se quer dar aos enunciados (Menegassi & Cavalcanti, 2020, p. 102).

Na prática, o extraverbal somente é concebido em uso pragmático, uma vez que, aos participantes do colóquio, é cobrado o conhecimento do “processo de sua produção, de sua circulação no mundo e de sua recepção por outros sujeitos” (Sobral, 2009, p. 90). Ou seja, se um dos envolvidos na interação desconhece uma parte do que compõe o extraverbal do enunciado, não entenderá por completo o enunciado. Ora, justamente por não conseguir construir o sentido pleno, a compreensão poderá falhar, já que “os enunciados surgem e terminam no processo da interação social entre os participantes da enunciação” (Menegassi & Cavalcanti, 2020, p. 103).

O segundo fator é a entonação que está presente em todo processo da linguagem, ou seja, “entendemos a manifestação da linguagem como a comunhão entre o individual e o social, e é desta comunhão que nasce o tom avaliativo que permeia toda enunciação.” (Bezerra et al., 2019, p. 24). Com isso, afirmamos que a avaliação social faz parte da vida e organiza a forma do enunciado e sua entonação, ou seja,

a avaliação essencial não está em absoluto no conteúdo da palavra e não pode ser deduzida dele; mas, em compensação, ela determina a própria escolha da palavra e a forma do todo verbal, encontrando a mais pura expressão na entonação. A entonação estabelece uma relação estreita da palavra com o contexto extraverbal: é como se a

entonação viva levasse a palavra para fora dos seus limites verbais (Volóchinov, 2019 [1930] 2019, p. 122-123).

Dessa forma, é possível assumir que a entonação não somente desvela o valor, como também organiza sua manifestação, por isso ela se constitui em um elemento para a expressão do dizer, uma vez que por meio dela, o subtendido é exteriorizado. É nesse movimento, que a entonação estabelece um vínculo entre a palavra e o contexto extraverbal. Nesse sentido, “a palavra pronunciada com entonação atua como um elemento condutor de sentido no interior das relações sociais, pois não está limitada a uma única situação, ao contrário, está ali para completar o sentido de toda e qualquer expressão” (Bezerra et al., 2019, p. 27). A palavra, concebida na condição de discurso, ao ser pronunciada é preche de sentido, por isso sua expressão passa a ser única, porque entona valores de um dado contexto, ao tempo que responde a enunciados já existentes, uma vez que o leitor precisa reconhecer a linguagem construída socialmente. Nisto, consiste o entendimento de que “os enunciados são irrepetíveis, uma vez que são acontecimentos únicos, cada vez tendo um acento, uma apreciação, uma entonação próprios” (Fiorin, 2018, p. 23).

Além disso, a entonação precisa de um “coro de apoio”, que acontece graças a percepção do outro, ou seja, o produtor só enuncia algo conforme a recepção do interlocutor, que demonstra através de gesto, da fala, do movimento, como compreende e recebe dado enunciado, por isso que não tem como fazer a previsão de qual passo deve ser tomado sem considerar a situação pragmática, ou seja, todo esse processo acontece somente na interação, em conformidade com a avaliação que cada partícipe faz da situação. Sob essa visão, “o caráter partilhado das avaliações principais subentendidas é o tecido no qual o discurso humano vivo borda os seus desenhos entonacionais” (Volóchinov, 2019[1926], p. 124, grifos do autor).

Por um lado, o gesto, pode ser entendido de maneira ampla, “a expressão facial tomada como a gesticulação do rosto. Assim como a entonação, o gesto precisa do apoio coral das pessoas que estão em torno: apenas no ambiente da cumplicidade social é possível um gesto livre e seguro” (Volóchinov, 2019[1926], p. 126). Por outro, também não tem como determinar quais gestos serão produzidos, já que eles emergem durante o ato interacional, da mesma forma que a entonação, o gesto possui relação com o extraverbal e o social, isto é, precisa de um contexto para ser realizado e responde a valores já construídos socialmente, porque “ao entonar e gesticular, o homem ocupa uma posição social ativa em relação a determinados valores, condicionada pelos próprios fundamentos da sua existência social” (Volóchinov, [1895-1936] 2019, p. 127).

A ancoragem teórico-conceitual disposta apresenta-se como uma condição essencial ao analista do discurso que intenta a compreensão da linguagem em uso efetivo. Daí, coadunar com todos os estudiosos da Linguística Aplicada que defendem o pensamento do Círculo como

o fundamento basilar quando se trata de mobilização da linguagem no contexto de ensino. Eis, a justificativa da escolha do dialogismo neste estudo.

Procedimentos Metodológicos

Este trabalho tem como foco, a análise de perguntas pospostas a partir do gênero tirinha, presente no livro didático do Ensino Fundamental (Anos Finais). A coleção selecionada para a análise, é denominada “Português: Conexão e uso – 6º ano”, das autoras Dileta Delmanto, Laiz B. de Carvalho, da editora Saraiva, no ano de 2018. A escolha para o tratamento do objeto, como já foi mencionado, é balizada nos fundamentos do Círculo de Bakhtin, por isso, tomamos o dialogismo como base analítica do nosso estudo.

Apesar de a perspectiva de uma análise dialógica do discurso não ser demarcada como um método científico de pesquisa no sentido estrito do termo, com procedimentos formalizados, constituindo uma via teórica acabada, respaldamo-nos em Brait (2016), que traça em seus construtos teóricos, um percurso metodológico a partir da dimensão dialógica da linguagem. A autora, além de outros estudiosos do dialogismo, afirma que o pensamento de um modelo fechado soa a partir de um tom de contrariedade ao próprio pensamento do Círculo de Bakhtin, até porque assemelha-se ao modelo estruturalista e, este, não admite as relações dialógicas que são imprescindíveis ao entendimento do enunciado. Em outros termos, na linguagem não existe a possibilidade de um fechamento total, mas, de um acabamento relacionado ao projeto discursivo.

Considerar esse ponto de vista, não implica dizer que essa perspectiva de análise não se valha de princípios epistemológicos definidos. A análise dialógica do discurso possui caminhos claros que respaldam o analista, entre eles, “a relação existente entre língua, linguagens, história e sujeitos” (Brait, 2016, p. 10), instauradora da linguagem como um lugar não somente passível de uma análise metodológica, mas de uma produção discursiva comprometida e ética em determinado período. Daí sustentar, que o dialogismo centra seu foco na análise dos enunciados efetivamente produzidos nas mais variadas esferas de atividade humana, a considerar sempre, os valores intrínsecos. Essa base constitutiva “diz respeito a uma concepção de linguagem, de construção e produção de sentidos necessariamente apoiadas nas relações discursivas empreendidas por sujeitos historicamente situados” (Brait, 2016, p. 10).

Todas essas ponderações permitem-nos entender que as relações instauradas nem são neutras e nem podem ser previamente determinadas, uma vez que o horizonte valorativo do pesquisador interfere em suas escolhas, no tratamento dos dados e nas conclusões da pesquisa. Dito em outros termos, “não há locutor que diga algo com total imparcialidade, porque dizer algo sempre parte da realidade da pessoa, de sua vida, de suas experiências, revelando a sua posição, tanto sobre um dado assunto como a posição que ela ocupa na coletividade” (Sobral; Giacomelli, 2016, p. 1083). Nisso, reside o caráter ideológico do signo, porque sempre que falamos, o fazemos de um determinado lugar, portanto, não há espaço para a neutralidade no

tocante à produção do discurso e, analisar um dado elemento, é construir um novo dizer, conseqüentemente, é posicionar-se frente ao objeto. É característica de uma análise dialógica do discurso, presumir que ao enunciar, o locutor revela sua posição frente ao seu interlocutor. Nessa premissa, ancoramos nossa pesquisa.

Como complemento metodológico, tomamos algumas características da entonação valorativa apontadas por Bezerra (2020), que realizou estudos sobre esse elemento axiológico, a partir dos estudos do Círculo. São elas:

- a) a entonação é portadora da avaliação social, logo, procede como elemento que exterioriza a memória social, a organizar inclusive, sua forma de expressão;
- b) a entonação avalia a palavra em uso, o que permite sua atualização, ou seja, contribui com a assimilação, a reavaliação e a reelaboração da palavra-discurso;
- c) a entonação se constitui em uma das formas de exauribilidade do tema;
- d) a entonação opera como um fio condutor de sentido do discurso, ao vincular a palavra aos aspectos que constituem os comportamentos humanos, daí afirmar que está na fronteira entre o verbal e o extraverbal (Bezerra, 2020, p. 85).

Resultados e discussões

O corpus analisado está contido na coleção do livro didático “Português: Conexão e uso – 6º ano”, das autoras, Dileta Delmanto, Laiz B. de Carvalho, da editora Saraiva, no ano de 2018. A atividade faz parte da Unidade 2 do livro didático citado, que é intitulada como “Com a palavra, o leitor e cidadão”, posicionada no subtópico “Reflexão sobre a língua”, em que é tratado sobre a significação das palavras e os diversos sentidos que uma mesma palavra pode ter, que só podem ser compreendidos a partir do contexto em que são empregadas. Dessa maneira, para realizar a análise, utilizamos a segunda questão, itens a), b), c), d) e terceira questão, itens a) e b).

As perguntas de leitura são organizadas em torno da tirinha de Charles Schulz. Tomamos a questão 2 como modelo ilustrativo de análise dialógico-valorativa, uma vez que ela foi construída em torno do gênero tirinha. As perguntas de leitura, propriamente ditas, somente aparecem após a exposição do comando que antecede a tirinha, como vemos abaixo, Figura 1.

Figura 1.

Perguntas de leitura a partir do gênero discursivo tirinha



Nota: Schulz, C. M. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 15 mar. 2015. In: Delmanto, D., Carvalho, L. B. Português: Conexão e uso, 6º ano: ensino fundamental, anos finais. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2018, p. 56.

2. As palavras, quando estão isoladas têm significado restrito. O que determina seu sentido é o contexto em que são usadas e o valor que adquirem nesse momento. Leia esta tira.

- Qual é o assunto de que falam os personagens da tira?
- Observe o rosto do menino de boné. O que expressa sua face e seus gestos em cada um dos quadrinhos? Suas expressões estão de acordo com as falas da menina?
- No segundo e terceiro quadrinhos, a garota usa alguns verbos e expressões que mantêm uma relação de significado entre si. Quais são eles?
- Considerando o contexto da situação em que os personagens se encontram, como pode ser entendido o sentido dessa série de palavras e expressões? (Delmanto & Carvalho, 2018, p. 56).

Antes de analisarmos as questões de leitura, consideramos necessário perceber que na tirinha é desenvolvido o tema “escalação de um campeonato de beisebol”, em que as personagens conversam sobre esse campeonato de beisebol e os grupos (chave) que devem se enfrentar. É pertinente ressaltar também que a chave de um campeonato é caracterizada como um esquema de organização das partidas e dos times que disputam entre si, normalmente, os organizadores sorteiam ou escolhem os times que devem compor cada chave. Por fim, os classificados de cada chave se enfrentam até chegar no ganhador do torneio.

Ao tomarmos o item a) para análise, constatamos que nele, o aluno é direcionado a identificar o assunto que é abordado pelas personagens. É salutar para bem responder essa questão, diferenciar tema e assunto. O tema está associado ao que é tratado no texto, logo, se apresenta mais amplo, ou seja, “O tema ou conteúdo temático entendido como tópico discursivo não deve ser confundido com assunto (Sobral, 2009), pois é possível abarcar vários assuntos dentro de um só tema” (Fuza & Menegassi, 2020, p. 69). Nesse sentido, o assunto diz

respeito a uma proposta que pode ser desdobrada em temas. Na tirinha em questão, o tema, como mencionado anteriormente, é a “escalação de um campeonato de beisebol”, assim, a lista temática de assuntos é o que vai ser tratado pelas personagens, a considerar a esfera esportiva beisebol, em outras palavras, “o conteúdo temático está ligado à esfera da qual faz parte” (Fuza & Menegassi, 2020, p. 69).

Ao fazer a leitura, o aluno deve ser levado a refletir sobre o sentido do que está sendo dito, isto é, ao tratar sobre o planejamento das partidas de cada chave, o que a personagem quer que seu interlocutor entenda. O aluno precisa identificar que a fala da Patty Pimentinha apresenta a estratégia de vencer derrubando o time de Chuck (conhecido também como Charlie Brown) nas partidas que vão se enfrentar. Vale salientar que não só a parte verbal, mas também outros elementos servem à exauribilidade temática, tais como, gestos, expressões fisionômicas, posturas, etc. Tomemos como exemplo, a postura corporal da personagem Paty Pimentinha, no terceiro quadrinho da tirinha em análise.

Figura 2.

Recorte do terceiro quadrinho tirinha



Nota: Schulz, C. M. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 15 mar. 2015. In: Delmanto, D., Carvalho, L. B. Português: Conexão e uso, 6º ano: ensino fundamental, anos finais. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2018, p. 56.

Vemos que a menina segura a folha com uma mão esquerda, enquanto a mão direita está levantada com os dedos abaixados, exceto o indicador, que toca levemente na cabeça. Na vida concreta, esse gesto sugere que seu autor está reflexivo, o que significa dizer que ela está pensando, arquitetando os próximos passos a serem dados. Isso é constatado na expressão do seu olhar, já que seus olhos estão atentos ao papel, que se constitui na chave do campeonato. Para saber sobre o assunto, o aluno leitor deve ser levado a pensar sobre o que foi dito e para saber sobre o tema, deve buscar entender “onde, quando, quem, como e a quem algo foi dito para entender o que foi dito” (Sobral & Giacomelli, 2016, p. 1080). Esses gestos entonam o agir responsivo da personagem. Em outros termos, Paty Pimentinha, personagem da tirinha, avalia

a chave de modo a reposicionar a ação do seu time e do time do seu amigo. Essa avaliação é verbalizada nas palavras: “Matamos vocês duas vezes em julho. Aniquilamos vocês três vezes em agosto e baixamos o cacete em vocês, uma vez em setembro”, contudo, a certeza por ela expressa de que seu time tem condições de “matar”, “aniquilar” e “baixar o cacete” no time do seu adversário é manifestada como uma atitude reflexiva marcada pelos gestos e posturas. São esses gestos que entonam a avaliação de vitória enunciada verbalmente e que serão discutidos nos próximos itens da pergunta de leitura.

Na visão do Círculo, “assim como a entonação, o gesto precisa de apoio coral das pessoas que estão em torno” (Volóchinov, 2019[1926], p. 126), ou seja, o locutor enuncia observando a percepção do outro. É exatamente isso que vemos na tirinha, porque o posicionamento da menina responde socialmente à construção da ideia de vitória. Por outro lado, seu interlocutor responde ao posicionamento da garota com um gesto também reflexivo, já que seu olhar está fixo na menina e no que ela tem na mão, ou seja, na chave do campeonato. A mão do menino está posicionada no queixo. Esse gesto na vida real é usado quando o sujeito está imerso em uma reflexão sobre algo ou alguma coisa.

Em outras palavras, os gestos e o posicionamento corporal do menino, também personagem da tirinha, apontam para uma quebra de expectativa em relação ao campeonato, quando descobre o plano de Paty Pimentinha em derrotar seu time. Isso porque, o que ela expressa na fala não é a leitura da chave, mas o resultado de sua avaliação ao fazer a leitura da chave. Ao somarmos os gestos, as expressões e as posturas às palavras pronunciadas, inferimos que a menina já se posiciona como campeã do torneio. Assim, o assunto “escalação do time” é tratado na tira, a partir da avaliação da menina em relação ao desfecho do campeonato. Vemos, pois, que a entonação materializa a atitude avaliativa do falante em relação ao objeto, ao passo que dá o tom do seu posicionamento ativo frente ao seu interlocutor. Constatamos aqui, que a entonação é responsável pela avaliação social. Retomamos a seguir, o comando do item b) para análise.

b) Observe o rosto do menino de boné. O que expressa sua face e seus gestos em cada um dos quadrinhos? Suas expressões estão de acordo com as falas da menina? (Delmanto & Carvalho, 2018, p. 56).

Para que o aluno consiga responder a letra “b”, é necessário apreciar o rosto do menino de boné e avaliar o que expressa sua face e seus gestos em cada quadrinho. Observamos que no primeiro quadrinho Chuck está em silêncio. Identificamos isso pelo fato de a personagem ter sido desenhado sem a boca, com os olhos fixados na menina e com as mãos para trás. Esses traços revelam gestos que nos permite inferir que ele está prestando atenção. Já no segundo quadrinho, Patty Pimentinha está tão entusiasmada em mostrar que seu time vencerá o de Chuck que continua falando sem parar e sem dá oportunidade de expressão ao seu interlocutor,

que permanece na mesma posição do primeiro quadrinho, o que é alterado é o tamanho em que a personagem aparece, porque é dado um enfoque maior ao seu rosto.

Em extensão, a personagem Chuck ainda continua em silêncio, com os olhos fixados na menina, demonstrando espanto. No terceiro quadrinho, o menino continua em silêncio, encontra-se, como já foi dito, com a mão no queixo pensativo, a expressão da sua boca merece atenção, o lábio superior está curvado para baixo e o inferior para cima, mostrando que está desanimado. Deduzimos que nesse momento, o garoto toma consciência de que seu time tem grandes chances de perder o campeonato de beisebol. No quarto quadrinho ele fala pela primeira vez, seus lábios estão colados parecendo um só no meio da boca, os olhos estão tristes e o boné está de lado. Essas expressões demonstram desapontamento. A expressão de Chuck, nos permitem perceber que para o garoto é decepcionante saber que seu time pode perder para o de Patty Pimentinha em todas as partidas, uma vez que a derrota tem valor negativo na sociedade e, principalmente, no âmbito dos esportes em que a competição é o que move o jogo.

Desse modo, os gestos do menino entonam um valor de espanto, de desânimo e de desapontamento. Para o Círculo, de acordo com Volóchinov (2019[1926]), a valoração faz parte da vida, organiza a forma do enunciado e sua entonação, porque

uma valoração saudável permanece na vida e já a partir dela organiza a própria forma de enunciação e sua entonação, apesar de estar distante de aspirar uma expressão adequada ao conteúdo da palavra. [...] A entonação estabelece o vínculo estreito entre a palavra e o contexto extraverbal: a entonação viva parece conduzir a palavra além das fronteiras verbais (Volochínov, 2019[1926], p. 129).

A compreensão de que a palavra extrapola as fronteiras verbais é de suma importância à construção da resposta a ser dada no item c) da pergunta de leitura, organizada no comando da questão em análise e retomado a seguir.

c) No segundo e terceiro quadrinhos, a garota usa alguns verbos e expressões que mantêm uma relação de significado entre si. Quais são eles? (Delmanto & Carvalho, 2018, p. 56).

O aluno agora é conclamado a identificar quais são os verbos no segundo e no terceiro quadrinhos que mantêm uma relação de significado entre si. Os verbos explicitados no balão de fala são “massacrar”, que apresenta como sugestões de significados, os termos “matar cruelmente; chacinar” (Ferreira, 2011, p. 580); “acabar”, que significa “levar a cabo; concluir; pôr termo a; dar fim a; terminar, findar, concluir” (Ferreira, 2011, p. 234); “destruir”, que significa “demolir, arruinar, aniquilar (o que estava construído)” (Ferreira, 2011, p. 318);

“matar”, que significa “tirar violentamente a vida a; “assassinar” (Ferreira, 2011, p. 581); “aniquilar”, que significa “reduzir a nada; nulificar; anular” (Ferreira, 2011, p.750); e a expressão “baixar o cacete”. De acordo com o Dicionário inFormal, que é um dicionário gratuito para a internet, no qual as palavras são definidas pelos usuários, trata-se “uma expressão popular referente à agressão física, ao ato de bater” (Dicionário inFormal (SP), 2017).

Ao consideramos o significado que as palavras apresentam no dicionário, podemos destacar que elas podem ser associadas com a ideia de morte. No entanto, as palavras só ganham sentido e se tornam enunciado quando são usadas, porque ganham vida a partir do extraverbal e da entonação que são empregados, uma vez que “fora desse enunciado vivo, a palavra só existe nos dicionários, mas lá ela é uma palavra morta, mero conjunto de linhas retas ou semicirculares, marcas de tinta tipográfica nas folhas de um papel em branco” (Volóchinov, 2019[1930], p. 314), com base nisso, essas palavras não estão associadas com a ideia literal de morte, mas a ideia de derrotar, em que é balanceado um time melhor que levará o prêmio e um time ruim que perderá. A entonação age, nesse sentido, como um elemento que avalia a palavra em uso (Bezerra, 2020).

Como já foi dito anteriormente, essas palavras pertencem ao mesmo campo semântico e a identificação delas auxilia o aluno a construir a resposta para a letra “d”, que solicita o entendimento do sentido dessa série de palavras considerando o contexto. Desse modo, para que o aluno possa responder a essa pergunta, é necessário que seja levado em consideração não apenas o significado de cada palavra citada acima, mas também o contexto extraverbal em que elas se apresentam, com base nos três elementos que compõe o extraverbal, conforme exposto por Volóchinov (2019[1926]). O primeiro elemento é o horizonte espacial compartilhado pelos falantes, que é o conjuntamente visto. Trata-se da unidade visível. Assim, na tirinha, temos:

- a. espaço físico: o ar livre. As personagens aparentam estar em campo aberto, já que se tem a presença da grama e a ausência de qualquer parede ou construção que mostre ou aponte para a limitação tangível do espaço;
- b. elemento palpável em torno do qual o diálogo acontece: a folha com o cronograma da chave do campeonato de beisebol que está na mão da menina, personagem que responde pelo nome Patty Pimentinha.

O segundo elemento é o conhecimento e a compreensão comum da situação refere-se ao que é conjuntamente sabido pelos falantes:

- a. As personagens têm conhecimento da existência de um campeonato, sabem que haverá torneio de beisebol, o que implica dizer

que esse assunto é “conhecido por ambos” (Volóchinov, 2019[1926], p. 119);

- b. sabem que seus times irão se enfrentar no torneio;
- c. sabem que o torneio iniciará em abril e finalizará em setembro.

O terceiro elemento é a valoração compartilhada pelos interlocutores que se refere aos julgamentos de valor, ou seja, a avaliação comum da situação:

- a. em campeonatos sempre há um vencedor e um perdedor;
- b. perder não é algo bom, logo traz uma valoração negativa, de fracasso. Esse entendimento é o que se pode chamar de “avaliado em concordância” (Volóchinov, 2019[1926], p. 119).

Para compreender essa questão é necessário considerar o contexto extraverbal do colóquio. Como sabemos, o contexto em que a fala foi produzida, o seu valor axiológico e sua entonação, expressam o sentido de derrota, logo, é pela vinculação entre a palavra e o contexto extralinguístico que conseguimos compreender plenamente o que significa as palavras massacrar, acabar, destruir, matar, aniquilar, baixar o cacete. Assim, como apresentado na letra c), na tirinha essas palavras não estão relacionadas à morte, e sim, à ideia de derrotar o time do garoto Chuck, porque ao se fazer a ligação entre o enunciado verbal e uma situação real onde uma disputa de beisebol comumente ocorre, percebe-se que não há a exteriorização da ideia de óbito.

Vale salientar, que essas palavras são entoadas de diferentes formas, inicialmente com a entonação de ameaça para, em seguida, entonar o deboche e por fim, a provocação. Somente quando recorremos a uma porção da vida concreta, isto é, aos locais que na vida real, uma situação semelhante a esse acontecimento, é que compreendemos a entonação provocativa, debochada. Sem o auxílio do contexto extraverbal, a significação não se efetiva, o sentido não é construído, o que implica dizer, que essas palavras por si só, não significam, o que realmente significa é o valor entonado na enunciação. Vimos, pois, que à entonação, cabe o papel de estabelecer um vínculo com a situação social mais próxima, isto é, está na fronteira entre o verbal e o extraverbal (Bezerra, 2020).

Além do mais, vemos que a personagem só consegue concluir sua fala devido ao fato de o menino conhecer todo o contexto de produção do enunciado. Ele sabe que se trata de um campeonato no qual seu time é também participante. Sabe que enfrentará outros times. Sabe que a vitória é uma conquista enquanto a derrota não o é, ao contrário, é sinal de fracasso, de insucesso. É a consideração desses pontos que permitem com que a compreensão do interlocutor se complete, seja efetivada. Uma vez que estão situados dentro de todas informações implícitas, se faz necessário tomar ciência de todos esses subtendidos, porque o “extraverbal está integrado ao enunciado, favorecendo a interação comunicativa entre os

interlocutores” (Menegassi & Cavalcanti, 2020, p. 103). Feita a análise da segunda pergunta de leitura, apresentamos na sequência, a análise do item a) da terceira questão.

Para responder a terceira questão, o aluno deve analisar o quarto quadrinho, com foco específico ao rosto do menino, especialmente, aos seus olhos. A expressão do rosto do menino denota tristeza, desapontamento. É possível afirmar isso por causa dos seus lábios que estão colados no meio da boca e dos seus olhos, que indicam profundo desânimo.


Figura 3.

Recorte do quarto quadrinho da tirinha com as propostas de leitura

3. Releia as falas que estão no último quadrinho da tira e observe o rosto do menino, em especial, os olhos.

a) Qual é o sentido da palavra **maravilhosa** na fala do personagem e o que ela expressa?

b) A chave está **maravilhosa** para quem, afinal? Que outra palavra, em vez de **maravilhosa**, o menino poderia ter usado para responder à pergunta feita pela amiga e expressar o que estava sentindo?



ESTÁ CHAVE TÁ ÓTIMA, NÃO TÁ, CHUCK?

É TÁ MARAVILHOSA!

Reprinted from Schulz © 1999 Peanuts Worldwide LLC. Drawn by Andrew McKeel.

Nota: Schulz, C. M. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 15 mar. 2015. In: Delmanto, D., Carvalho, L. B. Português: Conexão e uso, 6º ano: ensino fundamental, anos finais. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2018, p. 56.

Na letra a) é solicitado que o aluno responda qual é o sentido da palavra “maravilhosa” na fala da personagem e o que ela expressa. Ao recorrermos ao dicionário observamos que esta palavra significa algo “excelente, primoroso, magnífico” (Ferreira, 2011, p. 576). Mas, considerando as expressões faciais do menino e o contexto percebemos que na tirinha, a palavra “maravilhosa” está inserida no enunciado explicitamente verbalizado: “é, tá maravilhosa!”, que, assim expresso, não significa algo excelente conforme a definição proposta no dicionário, nem em uso social de “admiração”. Na tirinha, esse emprego, está associado à decepção.

Na verdade, o menino, ao se utilizar desse enunciado para responder ao o enunciado do seu interlocutor: “Esta chave tá ótima, não tá, Chuck?”, permite via entonação a manifestação de decepção, já que a avaliação feita pela menina acerca do seu time, evidencia que é a chave do campeonato é vantajosa para o time opositor. E como ganhar é o objetivo dos times, uma vez que a vitória é avaliada socialmente de forma positiva porque mostra que determinado time teve melhor desempenho, é mais honroso que outro, o menino não enxerga vantagem na chave que sua amiga lhe mostra. Isso acontece porque Chuck está respondendo ativamente, conseqüentemente, formulando seu ponto de vista, que é avaliador, ou seja, ele avalia todo enunciado e a forma que ela se comporta ao enunciar, assim determinando que se esse planejamento de fato acontecer, ele não ganha. Nesse momento, vemos a personagem refratar no enunciado, que não há só um ponto de vista declarado, mas dois: um, situado na vitória e outro, na derrota, entendendo que “em um mesmo signo refletem-se e revelam-se

diferentes relações de classe” (Volóchinov, 2019[1930], p. 314). Em extensão, expomos o recorte do item b) da segunda questão em análise.

b) A chave está maravilhosa para quem, afinal? Que outra palavra em vez de maravilhosa, o menino poderia ter usado para responder à pergunta feita pela amiga e expressar o que estava sentindo? (Delmanto; Carvalho, 2018, p. 56, grifo das autoras).

Nessa pergunta pede-se para o aluno responder para quem a chave está maravilhosa e qual palavra poderia substituir o termo “maravilhosa”. A resposta a esse questionamento permite que o leitor entenda a vontade discursiva do menino, por permitir que Chuck expresse seu verdadeiro sentimento em relação à avaliação da chave feita pela garota. Ao abordarmos a primeira pergunta, retratamos nas análises anteriores, que a menina planeja vencer, logo o benefício e a vantagem da escalação são dados por ela, ao seu time, então, para Patty Pimentinha, a chave é maravilhosa. Esse tema na tirinha é plenamente exaurido, como já foi dito anteriormente, pelos sentidos expressos nos verbos “massacrar”, “acabar”, “destruir”, “matar”, “aniquilar” e na expressão “baixar o cacete”, uma vez que ao construir esses discursos, o produtor determinou quais palavras seriam usadas para entonar a intenção de vitória proferida no enunciado, daí afirmar que a entonação é portadora da avaliação social: exterioriza a memória social e organiza sua forma de expressão.

Vemos aqui, que a linguagem pauta-se em dois componentes que se prestam ao trabalho de análise, “o componente formal, que é a língua, que traz significações, aquelas do dicionário, e o componente discursivo, que é o discurso, ligado à enunciação e ao sentido, sendo este último produzido e não dado” (Sobral & Giacomelli, 2016, p. 1078). Os sentidos produzidos passam a ser concretos, ou seja, se constituem em enunciado vivo, pois estão presente em uma situação de comunicação real, que conta com um locutor e um interlocutor, ambos embasados por um tema, são, por assim dizer, os partícipes com pontos de vista avaliadores, porque “os fatores da situação de comunicação influenciam para a construção e a compreensão do tema que é ideológico. Em vista disso, pode-se afirmar que o tema é indissociável da enunciação” (Fuza & Menegassi, 2020, p. 67).

Na sequência, ao se pedir que o aluno-leitor procure uma palavra que substitua a outra, percebemos que o sentido da palavra maravilhosa não é capaz de abarcar o sentido da expressão “É. Tá maravilhosa!”. Assim, para a construção dessa resposta é preciso que seja instaurada uma leitura dialógica, porque como vimos, as palavras somente ganham sentido no seu uso efetivo. Para isso, é necessário recorrer a dois elementos essenciais à compreensão, o extraverbal e a entonação, visto que, “cada palavra evoca um contexto ou contextos, nos quais ela viveu sua vida socialmente tensa; todas as palavras e formas são povoadas de intenções” (Bakhtin, 2014[1975], p. 100). É nesse sentido que o enunciado proferido pelo garoto é

manifesto pela entonação de ironia. Na realidade, o menino não acha que a chave está maravilhosa no sentido de magnífico, de excelente. Esse discurso é verbalizado com um tom de decepção. Vê-se, desse modo, que a palavra sai do campo determinado pelo dicionário e ganha vida pela situação de comunicação.

Uma análise de natureza dialógica não pode ser feita somente pela fala verbalizada no gênero, mas, também, pelos gestos da personagem, a exemplo da tira, na qual os olhos do menino estão fixados em um ponto específico. Sua boca é desenhada de modo quase fechado. Os traços usados para o desenho dos braços são direcionados para baixo, remetendo a figura da tristeza, da quebra de expectativa, justamente pelo fato de que “a entonação e o gesto tendem a ser ativos e objetivos. Eles expressam não apenas o estado emocional ou passivo do falante, mas sempre contêm uma relação viva e enérgica com o mundo exterior e o meio social” (Volóchinov, 2019[1926], p. 127).

Essa proposta de atividade leva-nos à dedução de que o aluno ao responder essa questão, percebe que nenhum sentido dicionarizado da palavra “maravilhosa” consegue dar conta do significado real que o menino Chuck quer expressar no seu projeto de dizer, ao enunciar “É. Tá maravilhosa!” e, que somente pela consideração do viés dialógico da linguagem, as sugestões “péssima”, “catastrófica”, “pavorosa” (Delmanto & Carvalho, 2018, p. 57), dadas pelo livro didático, podem ser alcançadas como possíveis repostas do aluno. A título de exemplo, tomemos a hipótese de que o menino tivesse utilizado, na tirinha, a expressão “É. Tá catastrófica!”, a compreensão do discurso, nesse caso, seria outra, porque a entonação dada manifestaria raiva ou decepção, justamente por ter descoberto o plano de vencer da garota, ou seja, a entonação não seria a de ironia como foi a que foi exteriorizada na tirinha. Nessa linha de pensamento, ressaltamos que o sentido nasce na interação, porque “a palavra torna-se material do enunciado apenas como expressão da avaliação social. Por isso, a palavra entra no enunciado não a partir do dicionário, mas a partir da vida” (Medviédv, 2016, p. 185). A palavra, nesse contexto, foi avaliada, via entonação valorativa, a partir do seu uso (Bezerra, 2020).

Diante dessa análise, vemos que as perguntas de leitura estão respaldadas na concepção dialógica da linguagem, uma vez que exige do aluno o reconhecimento dos sentidos das palavras a partir de uma situação concreta da vida, ou seja, clamam pela consideração de sua experiência de vida. O aluno somente entende o texto, ao trazer o coletivo social para a leitura da tirinha, o que lhe permite inferir sentidos para compreender o enunciado. O aprendiz, assim guiado, passa a responder ativamente ao que está lendo, uma vez que o extraverbal também faz parte da elaboração do sentido. Isso fica claro na entonação e no gesto das personagens que estão indiscutivelmente ligados a uma porção do mundo real.

E, finalmente, consideramos que é necessário que o professor tenha conhecimento e se utilize da leitura dialógica no dia a dia da sala de aula, especialmente ao utilizar o livro didático. Até porque todo processo de leitura precisa ser mediado e como vimos a mostra analítica exposta neste artigo é uma proposta de atividade presente no livro didático do 6º ano do Ensino

Fundamental, logo, é uma realidade que se efetiva no cotidiano escolar. Vale lembrar, portanto, que a criança nessa etapa está em processo de transição e carece desenvolver as habilidades de escrita e a autonomia leitora.

Considerações Finais

Nesta pesquisa, analisamos a partir do gênero tirinha presente no livro didático, as questões de leitura organizadas em seu entorno e, nesse percurso, discutimos que tais perguntas clamam por uma leitura dialógica para serem respondidas, especialmente, no que diz respeito ao desvelamento do elemento sócio valorativo da linguagem. Essa consideração é o que leva o aluno a produzir o sentido. Consideramos ainda, que este trabalho auxilia no processo de compreensão e interpretação textual.

Para tanto, anuímos a noção de que o enunciado nasce, vive e morre no processo de interação. Com base nos pressupostos do Círculo de Bakhtin, concebemos o dialogismo não como um diálogo face a face, mas como um ato ativo de resposta aos enunciados já existentes e aos que estão por vir, já que o “eu” não existe sem o “outro”. Nesse viés, o sujeito para o Círculo está para o social, porque a consciência é constituída no diálogo entre o exterior-interior-exterior, a ressaltar que respondemos as vozes que nos permeiam, portanto, o dialogismo se institui como o modo de funcionamento real da linguagem, é, pois, o princípio constitutivo do enunciado. Por sua vez, todo enunciado constitui-se a partir de outro enunciado, ou seja, é uma réplica a outro enunciado. Portanto, nele “ouvem-se sempre, pelo menos, duas vozes” (Fiorin, 2018, p. 27). Assim, é preciso relembrar que o tempo todo estamos produzindo texto, seja escrito, seja oral, seja não verbal etc.

Os elementos discutidos neste artigo e que respaldam nossa análise são o enunciado concreto, o extraverbal, a entonação, o tema e sua exauribilidade, justamente porque todos estão presentes na atividade sugerida pelo livro e recortada para esta análise. Esta proposta analítica nos leva a refletir sobre a formação do leitor, a tratar o professor na condição de mediador do processo de ensino-aprendizagem. Ressalte-se que o gênero analisado está presente no livro didático do 6º ano do Ensino Fundamental e é direcionado às crianças que estão em processo de transição na fase escolar, compreendemos com isso, que o professor durante essa mediação também se constitui como produtor de sentido junto ao aluno, “o professor e leitor-aluno dialogam e constroem juntos sentidos para o texto, tendo o texto como o lugar da interação, no qual são constituídos como interlocutores” (Menegassi, 2010a, p. 176). Logo, é de suma importância que o docente considere a perspectiva dialógica advinda dos estudos do Círculo de Bakhtin, a fim de conduzir o aluno em todas as etapas da leitura, desde à identificação até a interpretação. Para isso, deve lembrar que para que haja compreensão é necessário considerar todos os elementos verbais e extraverbais, a incluir as avaliações sociais e a entonação.

Ainda, sobre essa perspectiva dialógica, as perguntas de leitura como um meio de avaliação devem ser vistas como forma de desenvolvimento do aluno-leitor, isto é, o conhecimento sobre o modo como as perguntas organizam a produção do sentido por parte do docente, fornece suporte ao aluno na compreensão do texto, além de auxiliar na escrita, já que se pede uma resposta mais completa e elaborada. Nesse sentido, Menegassi (2008, p. 46) afirma que as perguntas de leitura são importantes em função de permitirem que o professor oriente o aluno no decorrer da leitura, “servem também para ensinar o leitor, para orientá-lo na sua aprendizagem, para auxiliá-lo na sua formação e desenvolvimento” (Fuza & Menegassi, 2020, p. 73). Concluímos que essa abordagem contribui com as práticas educativas que têm o professor na condução do ensino da língua materna e o aluno no processo de aprendizagem.

Agência financiadora

Como esse estudo traz resultados da pesquisa de iniciação científica desenvolvida no PIBIC–UNEAL/FAPEAL (2019), um dos alunos foi contemplado com uma bolsa financiada pela FAPEAL e os demais graduandos atuaram na condição de voluntários.

REFERÊNCIAS

- Baixar o cacete. In: Informal, Dicionário de português gratuito para Internet. 2017.
<https://www.dicionarioinformal.com.br/baixar+o+cacete>.
- Bakhtin, M. M. (2014[1975]). Questões de literatura e de estética: a teoria do romance. (7ª ed). Hucitec.
- Bakhtin, M. M. (2003[1979]). A estética da criação verbal. (4ª ed). Martins Fontes.
- Bezerra, J. C. dos S. dos. (2020). A entonação valorativa em livros didáticos de Português dos anos finais do Ensino Fundamental. [Tese de doutoramento em Letras], Universidade Estadual de Maringá. <http://www.ple.uem.br/teses-e-dissertacoes>.
- Bezerra, J. C dos S., Paixão, S. V. da., Menegassi, R. J. (2019). A entonação valorativa em atividades de livro didático de português do ensino fundamental. *Diálogo das Letras*, 8, (3), pp. 22-41, set./dez. <http://dx.doi.org/10.22297/dl.v8i3.4118>.
- Brait, B. (2016). Bakhtin: outros conceitos-chave. (2ª ed). Contexto.
- Delmanto, D., Carvalho, L. (2018). *Conexão e Uso: Língua Portuguesa – 6º ano*. Editora Saraiva.
- Ferreira, A. B. H. (2011). *Aurélio Júnior: dicionário escolar da língua portuguesa*. (2ª ed.). Positivo.
- Fiorin, J. L. (2018). *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. (2ª ed). Contexto.
- Fuza, A. F., Menegassi, R. J. (2020). Ordenação e sequenciação de perguntas de leitura em crônica a partir do princípio temático. In: Fuza, A. F., Ohuschi, M. C. G., Menegassi, R. J. (Org.). *Interação e escrita no ensino de língua*. (pp. 65-97). Pontes Editores.
- Medviédév, P. N. (2016[1928]). *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*. Tradução do russo: Américo, E., Grillo, S. Contexto.
- Menegassi, R. J. (2010a.). Perguntas de leitura. In: Menegassi, R. J. (Org.). *Leitura e ensino*. (2ª ed). (pp. 167-189). Eduem, 2010a.

- Menegassi, R. J., Cavalcanti, R. S. M. (2020). Conceitos axiológicos do dialogismo em propaganda impressa. In: Fuza, A. F., Ohuschi, M. C. G., Menegassi, R. J. (Org.). *Interação e escrita no ensino de língua*. (pp. 99-118). Pontes Editores.
- Sobral, A. (2009). *Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin*. Mercado de Letras.
- Sobral, A., Giacomelli, K. (2016). Observações didáticas sobre a análise dialógica do discurso - ADD. *Domínios de Linguagem*, 10 (3), p. 1076-1094, 26 jul. <https://doi.org/10.14393/DL23-v10n3a2016-15>.
- Volóchinov, V. (2019[1926]). A palavra na vida e a palavra na poesia: para uma poética sociológica. In: Grillo, S., Americo, E. V. (Org.). *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. (pp. 109-146). Editora 34.
- Volóchinov, V. (2019[1930]). Estilística do discurso literário III: A palavra e sua função social. In: Grillo, S., Americo, E. V. (Org.). *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. (pp. 306-336). Editora 34.